

Indicador antecedente de emprego aponta retomada da geração de vagas formais no Brasil, diz FGV

Índice subiu 0,7 ponto em janeiro e foi a 107,7 pontos e indicou aceleração no ritmo de recuperação do mercado de trabalho

REUTERS - SÃO PAULO

SÃO PAULO - O Indicador Antecedente de Emprego (IAEmp) registrou alta em janeiro pelo quinto mês seguido e indicou aceleração no ritmo de recuperação do mercado de trabalho do Brasil no início de 2018, com retomada da geração de vagas formais.

O IAEmp subiu 0,7 ponto em janeiro e foi a 107,7 pontos, informou a Fundação Getúlio Vargas (FGV) nesta quinta-feira.

"O cenário de melhora no nível de atividade econômica juntamente com a expectativa de contratação futura sugere continuidade da tendência de melhora do mercado de trabalho e de retorno à geração de vagas formais em 2018", disse em nota o economista Fernando de Holanda Barbosa Filho, da FGV/Ibre.

O resultado do IAEmp no primeiro mês do ano teve como principal influência os indicadores que medem a situação dos negócios para os seis meses seguintes na Sondagem de Serviços, e a situação dos negócios atual da Sondagem da Indústria de Transformação.

A FGV informou ainda que o Indicador Coincidente de Emprego (ICD), que capta a percepção das famílias sobre o mercado de trabalho, teve queda de 3,6 pontos e foi a 96,7 pontos.

A taxa de desemprego no Brasil ficou em 11,8 por cento no quarto trimestre do ano passado, comparado com 12,4 por cento no terceiro, segundo dados do IBGE. Entretanto, a melhora foi sustentada pela informalidade diante da gradual recuperação da atividade econômica depois da recessão que marcou o país.

INFORME

Custo da cesta básica aumenta em 20 capitais

Dieese revela que o trabalhador comprometeu 44,21% do salário para adquirir produtos em janeiro

DA REDAÇÃO - SÃO PAULO

Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos mostra que o custo de alimentos essenciais aumentou nas 20 capitais avaliadas, em janeiro. O levantamento também revelou que o trabalhador comprometeu 44,21% do salário para adquirir produtos.

Conforme divulgou, ontem (7), o Departamento Intersindical de Economia e Estatística (Dieese), as altas mais expressivas nesse custo relativo à cesta básica ocorreram em João Pessoa (11,91%) e Brasília (9,67%). As menores taxas foram nas cidades de Goiânia (0,42%) e Manaus (2,59%). A cesta mais cara foi a de Porto Alegre (R\$ 446,69), seguida do Rio de Janeiro (R\$ 443,81) e da cidade de São Paulo (R\$ 439,20).

Em 12 meses até janeiro de 2018, 14 cidades pesquisadas pelo Dieese apresentaram queda, com destaque para Manaus (-9,93%) e Belém (-9,70%). As altas foram registradas em seis capitais e as mais expressivas ocorreram em Natal (de 3,11%) e Recife (de 2,90%).

Salário mínimo

Quando se compara o custo da cesta e o salário mínimo líquido, verificou-se que o trabalhador remunerado comprometeu, em janeiro, 44,21% para adquirir os mesmos produtos que, em dezembro de 2017, demandavam 42,52%.

Com base na cesta mais cara e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e sua família com alimentação, moradia entre outros, o Dieese apontou que em janeiro de 2018, esse salário deveria equivaler a R\$ 3.752,65, ou 3,93 vezes seu valor oficial de R\$ 954,00.

Em 2017, o mínimo era de R\$ 937,00 e o necessário correspondeu a, pelo menos, R\$ 3.811,29 (ou 4,07 vezes o mínimo então em vigor).

Ainda segundo a pesquisa, neste começo de ano, com o reajuste de apenas 1,81% no salário mínimo, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 89 horas e 29 minutos. Em dezembro, a jornada necessária era de 86 horas e 04 minutos.

(Fonte: DCI – 08/02/2018)